

CORRESPONDÊNCIA

L. B. — Lisboa — S. O. S. — Estas três letras do código telegráfico internacional foram escolhidas arbitrariamente, como quasi todos os sinais do código, com excepção de poucos, que de resto não são officiais. Estão neste caso os grupos TKS — «obrigado» (da palavra *thanks*), PSE — «por favor» (da palavra *please*), e outros. Mas a maioria dos sinais não radicam em qualquer palavra ou frase. O senhor encontra, por exemplo, toda uma série de sinais de 3 letras, em que as duas primeiras são sempre QR (QRA, QRB, QRC..., QRX, QRZ); outro em que as duas primeiras são QS (QSA, QSZ). Outros não obedecem a esta sistematização, mas são também arbitrários (K — «transmita»; AR — «terminei»; etc.). SOS pertence a esta categoria. Só depois alguém descobriu que SOS podiam ser as iniciais da frase «save our souls» (salvai as nossas almas); mas não lhe parece que se as letras tivessem sido tiradas duma frase, teriam antes escolhido SOL — «save our lives» (salvai as nossas vidas)?

A. O. M. — Porto — Bibliografia sobre Relatividade. — A bibliografia da Relatividade é muito extensa, mas também muito confusa, e é preciso o máximo cuidado na sua selecção. O senhor foi infeliz na aquisição dos dois livros que indica: o do abade Moreux e o de G. Moch. Do primeiro, diz Metz: «Este livro é o mais perfeito que pode existir para impedir a compreensão do que quer que seja relativo às teorias de Einstein»; ao segundo aponta vários erros de exposição, conseqüentes

conhecido». E' o que faz Auerbach neste livrinho, cuja utilidade é indiscutível, e que devia ser lido por todos os alunos dos liceus, e até das universidades, e por toda a gente que procura fazer a sua cultura científica. (R.)

1004 — Carlos Darwin e a sua obra — por Augusto Weismann. — Trad. de Anibal G. Pereira. — Pouca gente está à altura de Weismann para muito objectivamente apre-

a uma deficiente compreensão das idéas mestras da Relatividade.

As teorias de Einstein vão tão contra o senso comum e o nosso modo habitual de pensar, que não é estranho ter originado uma intensa reacção da parte dum grande número de homens de ciência e de filósofos, alguns dos quais, apesar da sua competência e do seu renome, cometem erros gravíssimos. Dêste modo, o que se torna difficil na selecção duma bibliografia não é a escolha dos livros que mais fácil ou mais perfeitamente exponham a doutrina; o que é difficil é evitar os que a deturpam, e dentre estes, os mais perigosos não são os que, por incompreensão das teorias as deturpam e combatem, mas sim os que, dizendo-se relativistas, infundem no espirito do leitor idéas falsas e falsas conseqüências.

Isto que digo para a Relatividade pode aplicar-se a todas as teorias mais debatidas na época contemporânea: o Transformismo, a Genética e outras.

Para compreender Einstein, leia com atenção, e medite, a pequena obra prima do Prof. Rui Luiz Gomes: *A Relatividade Restrita* (ed. Sá da Costa, Lisboa); leia o livro de J. Becquerel, *Exposé élémentaire de la théorie d'Einstein* (Payot, Paris). De Paul Langevin: *Le Principe de Relativité* (E. Chiron, Paris). Este último, a par duma sucinta e perfeita exposição dos pontos capitais da Relatividade, indica-nos os erros dos principais contraditores e maus divulgadores, e também uma bibliografia das melhores obras publicadas em língua franceza.

ciar a obra de Darwin e a personalidade do grande naturalista. O caderno é pois um dos bons cadernos da «Argo». Contudo, o tradutor devia anotar algumas páginas em que são dadas idéas finalistas com tanta naturalidade que o leitor desprevenido «cai» nelas sem o sentir. Ora o finalismo está definitivamente banido da ciência; combatê-lo fóra da ciência é um dever de todos os que querem uma cultura assente em realidades, e não uma cultura de nuvens. (R.)

